DISCURSOS E CONFERÊNCIAS

HUMANIDADE E CULTURA (*)

AMORIM SOBREIRA

Eu me encontrava à cabeceira de meu irmão Moacir, que agonizava com insidiosa nefrite, num leito de hospital, em Campina Grande, na Paraíba, quando o Juiz de Direito local, Dr. Coriolano Ramalho, me segredava acabrunhado que acabara de falecer o meu querido mestre Dolor Barreira.

E eu senti no coração em vez de uma, duas punhaladas, pois a um me estreitava o sangue, pela natureza; a outro, a cultura pelo Direito; e a ambos a solidez de uma amizade imorredoira.

Já se vê que foi por um insuperável imperativo emocional que não estive presente à sua despedida extrema, que faltei ao grupo daqueles que o assistiram na viagem final, que não pude enfim acompanhar o meu mestre ao seu repouso definitivo.

Eu quase poderia exclamar como Luiz Moreira Maya da Silva a respeito dêste imortal civilista luso que é Coelho da Rocha: "Faltei eu, oh! meu querido amigo! Não permitiram os meus padecimentos que eu pagasse êste derradeiro tributo da nossa antiga e nunca interrompida amizade!

Sirvam ao menos de expiação a esta involuntária falta essas horas que apesar de abatido no espírito e minguado em fôrças eu tenho gasto em traçar estas linhas.

E tu, oh! alma pura e generosa, aceita lá nos céus, onde piamente te cremos, esta prova de saudade que me ocupa neste vale de misérias..."

Do Instituto do Ceará, quantos já não se ergueram da estrada terrena para a vida imortal!

(*) Oração fúnebre, proferida na sessão especial dedicada à memória do sócio efetivo, professor Dolor Uchoa Barreira.

Oh! velha Parca insaciável, não se embrutece a tua foice porventura ao ceifar vidas assim tão preciosas? É tão desumana a tua destinação que te não moves com o padecimento daqueles que perdem seus entes queridos?

De quantos prantearam amargamente a Dolor Barreira, Jáder de Carvalho disse-o sinceramente na frase maviosa de um talento poético exuberante, em oportuna proclamação de fraternal sensibilidade para testemunho público de seus leais amigos:

"Dolor: Chorei a minha lágrima, que não viste e que ninguém viu. O pranto da alma não surge em gôtas como o chôro dos olhos: é subjetivo, imaterial, não recolhe os raios do sol nem as nuvens do céu. Mas guarda, oculta, esconde o sentimento que o rosto não revela, as palavras não exprimem e as batidas do coração nem sempre dizem.

Chorei a minha lágrima e também a lágrima ardente e sentida dos teus companheiros da Academia Cearense de Letras, em nome de quem verti êste pranto grave, sereno e amigo, que começou na tristeza da tua perda e vai perpetuar-se numa saudade que não morre."

Na verdade, meus Senhores, com o desaparecimento de Dolor, ninguém precisará perguntar a seus amigos por que apareceu mais uma causa de angústia na paisagem de nossa desolação ou por que se criou mais um motivo de infortúnio na extensa clareira de nossos pesares. Como seria desnecessário indagar de sua família querida por que desponta afinal mais um crisântemo no canteiro da saudade!

Lutador indormido que o foi bravamente durante sua vida, ainda na morte resistiu com tenacidade inaudita, quando sua compleição física fortemente constituída se opunha obstinadamente às insídias da moléstia.

Aquêle estado mórbido de letargia fisiológica, aquela coma irredutível, aquêle silêncio terrífico, tudo aquilo era o vestíbulo da morte.

Nas últimas vêzes que o visitei, eu pude distinguir perfeitamente na fisionomia daqueles que o rodeavam solicitamente as alternativas constantes da incoformação e da esperança, da ansiedade e da consolação, da incerteza e da confiança, da perspectiva de alento e do quase desespêro.

Mas nós estávamos certos de que se ocorresse o desenlace fatal, a morte seria, para Dolor, o santuário de sua imortalidade.

Dolor morreu para viver para sua gente, no dignificante exemplo de sua vida.

Muito feliz o senador Fernandes Távora que, escrevendo para "Mais um companheiro que se foi", assim falou:

"Sua vida foi um belo exemplo de mansuetude, probidade e trabalho construtivo — mais um motivo para que o não esqueçam quantos tiveram a ventura de gozar o seu convívio e merecer a sua amizade.

Poucos homens souberam como Dolor Barreira aproveitar os dias de sua existência numa obra tão proveitosa aos seus semelhantes e à sua Pátria. Qualquer um de seus conterrâneos ou filho de outra gleba poderia dizer-lhe como Renan a Pasteur: "Fôstes dessa companhia de escol que se defende contra a morte por meio muito simples: fazendo obras que ficam eternas."

Oliveira Ramos, também, perfilando a sua personalidade, encerrou com singeleza e enternecimento a composição de catorze decassílabos, na segurança desta vívida memória:

Abriu-se o chão! Eu vi todos chorando.
Abriu-se o céu! Eu vi anjos cantando,
Co'a chegada do mestre na amplidão.

Fechou-se a terra! Adeus, meu nobre amigo.
Fechou-se o céu! Mas sonharei contigo:
Ficaste vivo no meu coração.

Com os lábios semicerrados, costumava repuxar o canto da bôca, num sorriso de bondade e alegria, aquêle mesmo riso, o último lampejo de sua vida que se extinguiu dolorosamente.

Se bem que em Dolor o riso era a face tôda, numa expressão larga, inconfundível, de lealdade e franqueza.

Sempre que comigo encontrava, erguia o braço direito num aceno de saudação afetuosa e exclamava: Amorim velho! E êste adjetivo refugia à classificação da gramática e da semântica rotineira para transformar-se em suave nota de afeição na pauta musical de sua sensibilidade.

Eu conheci pessoalmente Dolor Barreira durante o Vestibular de Direito, em 1937, quando a Faculdade ainda funcionava no andar térreo do prédio hoje ocupado pela Assembléia Legislativa do Estado.

Foi principalmente no exame oral, em que as argüições seguiram o ritmo de um diálogo amigável, entre o jovem esperançoso e o provecto catedrático. E eu tenho certeza de que aquela troca de idéias me interessou muito mais do que a nota que ainda hoje suponho ignorar.

Parece-me vê-lo ainda realçando em Gregório de Matos a nota satírica e o sentimento religioso, o talento original e a riqueza de linguagem; nas Reflexões de Matias Ayres, a maleabilidade do estilo e a perspicácia de observação; em Durão, o classicismo, a sobriedade e a limpidez; em Cláudio Manuel da Costa, a amenidade e o primoroso da língua; em Basílio da Gama, a sensibilidade, o nacionalismo, o pitoresco, cantando Lindóia, e prenunciando o romântico no limiar do indianismo. Acentuando a melancolia poética de Dirceu, e observando que o amor sempre foi tema bastante para boa poesia... Da literatura geral, referia-se com freqüência maior aos franceses, latinos e portuguêses, e, dentre êstes, especialmente a Camilo Castelo Branco.

Aquêle diálogo perdurou e assumiu maior amplitude e intensidade, quando me acolhi ao Instituto do Ceará, onde sempre o encontrava com assiduidade, nas horas da tarde.

Dolor possuía uma pessoal maneira de provocar o assunto. E até a quem lhe não conhecesse a cultura excepcional, pareceria reservado e tímido.

Dizia, por exemplo, em tom bem familiar e amigo: E Daudet?

Perguntava-se: Qual dêles?

Respondia: O Alphonse, homem!

Inquiria-se: Por que? Que tem Alphonse Daudet?

A esta altura, como arriscando alguma idéia que poderia não interessar o parceiro, enumerava as obras do autor, pausadamente, com intencional vagar.

Num caso como o vertente, às vêzes, em vez de citar as obras, lembraria um herói ou tipo característico dizendo por exemplo: Safo, Tartarin... como poderia indicar João Valjean se se tratasse de Victor Hugo.

Mantinha-se em seguida como aguardando que o interlocutor emitisse qualquer opinião. Caso contrário, com tôda certeza, continuaria mais ou menos assim: "Daudet criou no espírito francês uma figura proverbial e indescritível. E nêle, além da observação penetrante e do efeito descritivo, o pinturesco, o caráter dramático da vida o estilo vivo, expressivo, imaginoso. Daudet é um realista com traços evidentes de romântico. Eu gosto de Daudet, apesar de achar que falta nêle segurança de argúcia psicológica."

E a gente tinha vontade de aplaudir aquela aula ministrada assim com tamanha simplicidade, numa explanação sucinta, sem meias-palavras, sem qualquer ostentação.

Não sei quem melhor do que êle teria escrito a *História da Literatura Cearense*, nem com maior solicitude.

Muitas vêzes o encontrei batendo ambas as mãos espalmadas, para libertá-las da poeira dos arquivos, poeira que representava o oiro de sua dedicação comovente na pesquisa carinhosa e abnegada.

Êle mesmo declara que o trabalho "teve de fazer-se com imprescindível auxílio de pesquisas e indagações meticulosas e pacientes, através de revistas e folhetos que conseguiram milagrosamente salvar-se da implacável ação destruidora do tempo e das coleções de almanaques e jornais, existentes em bibliotecas e depósitos públicos, aí dormindo o tranqüilo sono das coisas esquecidas".

E assim falando, não deixa de formular expressivamente o seu profundo reconhecimento à professôra Maria da Conceição Souza, nestes têrmos: "Deixo-lhe, a ela, aqui, o meu profundo agradecimento."

Ei-lo no Instituto do Ceará, sempre de branco, calçado prêto, andar compassado, com serenidade e nobreza, meditando... Ou sentado, ombros recurvados, olhar à distância, com os dedos entrelaçados, como se apertasse uma laranja entre as mãos carnudas, que separavam as pernas cujos joelhos formariam um ângulo agudo.

Ao lado, Conceição, infatigável, atenta, silenciosa, dedilhando velha máquina, para fixar em representação gráfica as palavras do mestre.

Otacílio de Azevedo confirma o seu depoimento: "Os quatro volumes de sua obra sôbre a poesia cearense são os maiores monumentos edificados no solo das letras do Ceará a que a poeira dos séculos vindouros não terá fôrças para lhes empanar o brilho nem consistência para fazer desaparecer o que ali foi escrito.

Centenas de poetas totalmente esquecidos ressurgem dos velhos manuscritos, das revistas amarelecidas pelo tempo, arrancadas dos ermos arquivos cheios de pó e ameaçadas pelas traças e pela fome dos cupins."

Quando se publicou o primeiro volume desta obra, não pude reprimir o desejo de asseverar de público a minha admiração e o meu entusiasmo: "Aí temos, dizia eu, o painel, em vastas proporções, do evolver das letras no Ceará, nosso meridiano espiritual de 1813 a 1910, distinguido em ordem cronológica, num inventário meticuloso e sistemático, com páginas selecionadas de prosa e verso, sob a indumentária de uma linguagem que satisfaz ao paladar mais exigente.

Seguiu-se o processo do estudo externo: época, assunto, forma, composição, primeiro; far-se-á, em seguida, uma análise interna ou subjetiva. É o que preconiza George Rénard.

Na feitura desta obra, só um espírito de rija envergadura intelectual como o do professor Dolor, poderia sair-se assim de modo feliz e com vitória comprovada.

Em tabalhos como o de Elói Pontes e Viana Moog, para não acumular referências congêneres, sôbre Euclides e Eça, respectivamente, tem-se a impressão de que êsses autores procuraram, ao mesmo tempo, um meio para caracterização de fases históricas determinadas.

Com a devida relatividade, Dolor procede com operações aproximadas, quais fizeram Sílvio Romero, Ronald e mais alguns aqui no Brasil.

Quanto possível, situa os escritores nas respectivas condições ambienciais contemporâneas de suas produções, fixando-os com traços biográficos leves e definidos.

Cada autor, cada época, em vez de se constituírem parcelas de problemas gerais, são, freqüentemente, casos especiais, cuidados metòdicamente, com louvável perícia, através dessa pesquisa tão penosa em revistas e jornais antigos, nos arquivos empoeirados, em todo lugar, enfim, onde existisse a possibilidade de uma achega, vergando-se ao pêso de "pacientes e por vêzes descoroçoantes investigações".

Daí a cêpa de viril honestidade traduzida em suas conceituações e referências sempre serenas e equilibradas, como, a êsmo, que seja, em o "Fator Econômico da Literatura Cearense" ou no caso dos "Oiteiros", como incunábulos, êstes, de nossos albores literários.

O procedimento é um só, neste mesmo diapasão de probidade intelectual em tôda a vasta extensão dêsses alentados tomos já publicados.

A propósito dêsse fator econômico que seria condicionante, num sentido negativo, em nossa literatura, saber-se que, com tempo e capacidade, a obra literária provirá de determinados comportamentos espirituais, mesmo de injunções materiais, complexos, determinantes passionais, o que poderá ser emulação criadora de disposições psíquicas favoráveis à produção artística, máxime numa terra em que até mesmo o cortejo fúnebre e miserando da fome sincroniza com doridas elegias.

Repercorrendo estas páginas, continuava eu, sentimos que a distância no tempo desaparece, dignificando a atividade dos escritores atuais, pelo menos caracterizando-a, entre nós, pois ela reflete exatamente um marco de ponderável referência, um ponto veraz de aferição para que os de hoje possamos verificar, compreender, explicar, deduzir a valorização do que se produziu na esfera do pensamento.

E concluía mais ou menos assim: "Aí está, sem dúvida, uma virtude real de seu trabalho, entre tôdas as virtudes aí sobejantes, que protege o passado, assegurando-nos, como por um instinto de conservação, a nós e aos porvindouros, oportunidade ímpar de ajuizarmos do que tivermos produzido."

Graças a Dolor Barreira, ninguém hoje pode mais ignorar a extraordinária contribuição do Ceará na formação da literatura brasileira, em sua extensão e em sua profundidade.

Mas o Dolor a que me referi não é apenas o autor de um trabalho que ainda não foi suficientemente louvado, não tanto pelo seu método ou pela sua técnica, como pelo esfôrço extraordinário do autor e pela sua importância como fonte autêntica de conhecimento formal.

É também o professor competente que integrou em sua personalidade as virtudes essenciais de legítimo líder da mocidade.

Forrado de universal cultura edificada com a solidez granítica de um basilamento humanístico bem construído, suas preleções eram realmente exemplares.

Ensinava a disciplina mais fascinante do curso jurídico. O Direito Civil regula e determina as condições e conseqüências dos atos e fatos principais do homem individualmente considerado e em face da comunidade, com as relações decorrentes de fatôres morais e biológicos, na perpetuidade da espécie. É o Direito da Família. E se o homem carece de viver e subsistir, tem necessàriamente de exercer os podêres de domínio, no que concerne à apropriação de quanto seja susceptível de valorização econômica como objeto do Direito, e eis o Direito das Coisas, a Propriedade. Torna-se necessário, no entanto, regular os compromissos ou convenções dos homens em suas relações no grupo social, e vem o Direito das Obrigações, não se exaurindo aí o objetivo da matéria, pois, ante nosso vinculamento

com a família faz-se mister a transmissão legal dos bens hereditários. É o Direito Sucessório.

Isto, sem falar nos elementos que representam introdutòriamente pressupostos doutrinários intrínsecos à sistemática do Direito Brasileiro que nesta senda palmilha, metòdicamente, os códigos francês e alemão.

Estrutura aliás considerada clássica e que tem sido com freqüência incriminada por excessivamente individualista, mas a que outros como Bonecase e Josserand consideram defesa do indivíduo contra a prepotência do poder exclusivo dos grupos.

Costumava dar aula de pé, por vêzes caminhando paralelo à primeira fila de cadeiras, empalmando um código geralmente comentado que bem poderia ser de Clóvis Beviláqua, Carvalho Santos, João Luiz Alves, ou ainda Planiol et Rippert... autores que demonstrou preferir. Lia o artigo da lei. Referia-se aos comentários do autor. Criticava e proferia por fim a sua opinião pessoal. Sempre em voz pausada. Em linguagem adequada e atrativa. Com autoridade. Com clareza e simplicidade.

Aduzo a respeito o testemunho de um colega de turma dos mais brilhantes, Otacílio Colares, que assim se exprimiu: "Está enlutada a intelectualidade do Ceará, cerrou os olhos à vida, depois de uma prolongada luta contra o aniquilamento material, um dos mais lúcidos espíritos de nossa terra, forrando uma das mais sólidas envergaduras de cidadão — o professor Dolor Uchoa Barreira ex-diretor da Faculdade de Direito, seu professor destacado, civilista emérito, de conceito nacional e internacional, membro da Academia Cearense de Letras e do Instituto do Ceará, escritor de estilo elegante e responsável pelo que de mais sério e edificante já se tentou, entre nós, — o levantamento da História Literária do nosso Estado."

Em seguida pergunta: E como destacar em Dolor Barreira o professor? E responde êle mesmo: "Quem chegou a ser aluno seu, nos cursos de nossa Faculdade de Direito, ainda há de recordar, com a saudade que a admiração e o respeito impõem, aquelas aulas magistrais em que a conceituação segura e clara, traindo no mestre a sabedoria indiscutível corria parelhas com a eloqüência do dissertador nato, feito pela natureza para o segrêdo da comunicação."

Em qualquer parte, mas sobretudo na classe, Dolor se expandia com jovialidade. Nem poderia ser de outra maneira, êle que amava o belo, êle que amava a mocidade, a respeito da qual escreveu êste credo de álacre sinceridade: "Não acreditaria, em verdade, vos digo, que tivesse de experimentar desta vez a bem fadada ufania de paraninfar-vos.

Quem há, porém, que possa com a mocidade? Como resistir às suas seduções, aos seus sortilégios, à sua fôrça consubstancial e imanente?

Ela nos envolve na sua magia, transmite-nos o calor dos seus estos, dos seus entusiasmos, dos seus alvoroços, embriaga-nos e entontece-nos com os seus perfumes primaveris."

Não era, entretanto, um professor de doutrina geral, de generalidades. Gostava de apreciar o detalhe, a minúcia do problema jurídico. E um dos temas de sua predileção era a situação jurídica dos filhos adulterinos. E aqui está mais uma demonstração de sua estreita afinidade com Clóvis Beviláqua, a quem dedicava profunda veneração.

Como se sabe, vem de longe a luta pela defesa dos filhos espúrios, especialmente no que tange aos adulterinos.

A *Revista do Instituto do Ceará*, de 1947, registra uma saudação sua a Clóvis Beviláqua, em nome do Instituto dos Advogados.

Aí êle enaltece em Clóvis "o verdadeiro símbolo", o "cearense querido", o "cidadão eminente", o "grande pensador", filósofo, sociólogo, crítico, ensaísta e jurisperito que vem honrando as tradições de cultura do Ceará na Cátedra de professor, na tribuna de conferencista, no gabinete de jurisconsulto e nos livros de doutrina.

Em seguida, passa a exaltar o trabalho do "mestre Clóvis", como lhe chamava, na confecção e elaboração do chamado Projeto Primitivo do Código Civil Brasileiro.

E não dispensou a oportuidade de mais uma vez ferir o assunto que tanto o inquietava.

Eis um trecho característico:

"Entre outros pontos de vista liberais, "procurando" — como dizeis — "atender às justas aspirações femininas e querendo fazer do casamento uma sociedade igualitária, embora sob a direção do marido, concedeu o Projeto maior soma de direitos, maior liberdade de ação à mulher casada, do que o direito vigente até 1917 outorgava."

Acentuais êsse fato nas vossas "Observações Para Esclarecimento do Código Civil Brasileiro" e sacudis, aos quatro ventos, na vossa Conferência, de 1912, no Instituto da Ordem dos Advogados, êsse grito incoercível de uma consciência jurídica bem formada: "Porque há de o direito civil hodierno obstinar-se em restringir a aptidão jurídica da mulher casada? Persistência de outras eras, não se coadunam tais caturrices com a feição desimpecida e ampla que êsse direito adquiriu, em nosso tempo."

E continua: "Não é só. No mesmo rumo, ainda permitiu o Projeto Primitivo o reconhecimento de quaisquer filhos ilegítimos, mesmo incestuosos e adulterinos." Mostrando a justiça dessa solução, escrevestes: "A proibição de reconhecer os espúrios não se justifica perante a razão e a moral. A falta é cometida pelos pais e a desonra recai sôbre os filhos, que em nada concorreram para ela. A indignidade está no fato do incesto e do adultério e a lei procede como se ela estivesse nos frutos infelizes dessas uniões condenadas." Mais uma vez, cabe repetir as palavras indignadas de Cimbali: "Estranha,

em verdade, a lógica desta sociedade e a justiça dêsses legisladores, que, com imprudente cinismo, subvertem, por completo, os mais sagrados princípios da responsabilidade humana, fazendo do réu a vítima e da vítima o réu, condenado a expiar, inexoràvelmente, a pena de um crime que não cometeu: *patres nostri peccaverunt et nos peccata eorum portamus.*"

E assim fala, para concluir desoladamente: "Nenhuma destas idéias logrou vencer."

Eu tenho a honra de ocupar a cadeira de Dolor Barreira no Curso de Doutoramento sob a denominação de Instituições de Direito Civil, desde março de 1962. E aqui onde o estudo e a pesquisa se fazem através de casos específicos e comparativamente neste assunto de adulterinos, continuamos a seguir os passos de Dolor e Clóvis e também de Wagner Barreira, que enobrece a Cátedra, projetando com autoridade o renome de seu pai.

E o fazemos por estarmos convictos da legitimidade desta justa reivindicação social e profundamente humana e que já mereceu mesmo o sufrágio da própria Igreja Católica.

Um de seus excelentes trabalhos jurídicos é aquêle que escreveu sôbre a eqüidade.

Em 1954, a turma de bacharéis escolhera para patrono a Djacir Meneses e como paraninfo a Dolor Barreira. Um grupo de alunos me procurou solicitando um tema para o quadro de formatura. Ofereci êste que me pareceu oportuno: *Aequitate justitiam efferamus*, ou seja, exaltemos a Justiça pela eqüidade .

Vê-se fàcilmente que o tema está condicionado à concepção aristotélica.

Poucos dias depois, encontrando-me na Faculdade de Direito, diz-me Dolor:

— Você sabe que me salvou de uma dificuldade?

— Não sei como, respondi-lhe.

Então êle me explicou: os meninos me convidaram para paraninfo êste ano. E o paraninfo tem que escrever um discurso. Eu estava sem meios de encontrar um tema interessante para a oração de paraninfo, e me inspirei no seu lema. Vou fazer um discurso sôbre a eqüidade.

E fêz realmente.

E a alguns que procuraram demovê-lo do tentame, alegando ser o assunto muito controvertido ou de pouca monta, êle respondia simplesmente:

— Por isso não, que todo assunto é controvertido!...

Em sua trajetória evolutiva a eqüidade atravessou três fases de sua influência sôbre o normativismo do ordenamento jurídico positivo. A fase de Talião como indica o próprio nome de que a Bíblia, no livro do *Êxodo*, por exemplo, nos dá modêlo inequívoco; a da régua lésbia, da eqüidade aristotélica, a "epiéiquéia", a "aequitas" preto-

riana; e por fim a eqüidade — benevolência, a "benignitas", a "pietas", a "charitas", de inspiração puramente cristã.

Prevaleceu o segundo estágio. É a eqüidade de que se fala hoje comumente. Foi para esta eqüidade que Dolor fêz convergir todo o esfôrço do seu trabalho.

Após a introdução disse êle: "Esplende, no alto de vosso quadro de formatura, à feição de divisa, solene e significativamente, esta frase: — "Aequitate Justitiam Efferamus".

"... Numa época em que, mais do que ao tempo a que se refere o incisivo dizer de Carlos de Laet, tudo está em questão; tudo vacila, em terreno vulcânico, e tristemente interrogativo se desenha o dia de amanhã; numa época em que se poderia clamar, como no Diálogo do Relógio da Aldeia com o da Cidade, imaginado por D. Francisco Manuel de Melo, que essas são as justiças do mundo em que ninguém vale pelo que é, senão pelo lugar em que o vemos; numa época em que seria de repetir com Anatole France, sombria e desalentadamente: "Je suis las d'éprouver l'injustice des gens de justice" — estou cansado de provar a injustiça das gentes da justiça — ou com o padre Vieira: "Eu antes me quisera ver acusado de demônios a ver-me julgado de homens", podendo ainda notar-se, com Rui Barbosa, que se não há nada mais antigo do que os seus louvores, nada, a despeito dêles, mais repetido que o seu esquecimento, ou o seu desprêzo; numa época dessa espécie ou dêsse feitio, em que a iniqüidade, a desumanidade campeiam, se ostentam e empavonam, gerando essa indecisão, essa insegurança, êsse desequilíbrio nas relações jurídicas e nos rumos morais, é relevante, é momentoso, é oportunissimo falar em eqüidade, na sua significação, no seu alcance, nos méritos com que se apresenta na hora aflitiva e angustiante que vivemos..."

Imprime ao trabalho sentido globalizado, citando Aristóteles, Grócio, Paula Batista e mais luminares.

Recorre oportunamente ao direito anglo-americano.

Em sua conclusão, assim registra o traço essencial da oração: "Justiça férrea, severa, exemplar, seria excessiva, desmedida, violenta; o que torna indispensável que ela seja temperada pela benignidade, pela clemência, sendo, assim, a eqüidade a justiça no caso singular, um modo especial de aplicar a norma jurídica aos casos concretos, atendendo-lhes às singulares feições.

Aristóteles considerava-a desta sorte, como a retificação do Direito, comparando-a justamente à régua lésbia, que, sendo de chumbo, podia fletir-se conforme a sinuosidade da pedra que se queria medir."

Mas esta é uma conclusão genérica. Pois, em seguida, como era de seu hábito, formula esta conclusão específica e objetiva: "No nosso sistema jurídico, na tradição política brasileira, como vale a eqüidade? Vale como recurso de hermenêutica como meio de interpretação, na aplicação judicial da lei."

Não encerra porém a oração magnífica de estilo moderado, didático e de conteúdo doutrinário relevante, sem o conselho salutar que

todos esperávamos: "Fico aqui, não sem deixar assente esta conclusão, a vós especialmente destinada: sempre que tiverdes de interpretar e aplicar a lei, no ofício que escolherdes, em que isso se faça mister, sempre que vos couber suprir-lhe os erros, lacunas ou omissões, fazei-o, nunca deixando de considerar que "por igual modo devem ser tratadas as coisas iguais e desigualmente as desiguais" e "que entre várias soluções possíveis deve preferir-se a mais suave e humana, por ser a que melhor atende ao sentido de piedade e de benevolência da justiça: *jus bonum et aequum,* por outras palavras: que o direito deve ser aplicado por modo humano e benigno, ou que as pré-indicadas funções devem ser desempenhadas e realizadas com benignidade e humanidade.

Destarte, assim procedendo, se essa tarefa vos fôr quinhoada, e se o caso se vos apresente, tereis cumprido nobre, digna e eficientemente a vossa missão..."

Como profissional de advocacia, não lhe rareiam méritos emulativos para os contemporâneos. Quem não conhece o seu discurso, também de paraninfo, sôbre o advogado? Aí está o timoneiro cauteloso, o amigo dedicado e precavido, que orienta a mocidade com o privilégio de sua cultura e de sua experiência. Se queremos conhecer qual seja a conceituação do advogado, ouçamos êsse trecho imbuído de uma dignidade comovida: "Na medida das contingências humanas, não sendo sòmente nem todo o bem com que o exaltam e magnificam os seus apologistas, nem todo o mal com que o achincalham e deprimem os seus detratores, o certo — de uma ou de outra forma — é que — o advogado, no bom sentido, realizando o augusto mister segundo suas reais e legítimas finalidades — é, sem exército e sem aparato exterior — grande e incontrastável fôrça moral, cuja tradução Spencer Vampré nos faz, preexcelentemente, dizendo que o advogado é tão poderoso, sôbre a face da terra, que não precisa de protetores, mas que também é tão fraco, que não logra ter protegidos; tão altivo, que perante êle se humilham as majestades do mundo, mas tão humilde que reverencia as verdadeiras majestades: a virtude, o talento, a justiça e a verdade."

Dolor Barreira estêve também na direção da Faculdade de Direito, proporcionando fecundas demonstrações de sensatez, de compreensão, tirocínio e honestidade, conseguindo êste milagre de continuar benquisto e admirado por todos, indistintamente, nas obrigações administrativas, lição proveitosíssima, decerto, para aquêles que têm procurado, de modo matreiro, obter conceito e prestígio nos degraus da perfídia, da cabotinagem ou do perfil de pé-de-orelha.

Osmundo Pontes representa mais uma voz eloqüente da nossa geração que assim exclama para a posteridade: "Em todos os atos de sua vida, o professor Dolor Barreira aliava à simpatia que irradiava de sua inteligência privilegiada e de sua bondade transparente um forte sentimento de amor ao próximo e à Pátria."

Meus senhores:

Na modéstia dêste registro não constitui tarefa simples apreciar devidamente a versátil personalidade de Dolor Barreira, nos seus trabalhos de "forum", no seu doutrinamento jurídico, nas suas produções literárias, na sua cultura opulenta, na seriedade de sua oratória, na sua convivência e no seu comportamento social, nos seus devaneios, nos seus estados de pessimismo e desencanto, na sua maneira de ajuizar da sociedade contemporânea.

Como não é fácil ainda realçar devidamente os méritos extraordinários do estudioso tenaz, do trabalhador incansável e obstinado, da mentalidade de invulgar talento, do escritor primoroso e ao mesmo tempo do homem simples, humilde, bom, justiceiro e humano.

Porque foi humilde, amou os infelizes e os deserdados.

Porque foi bom, defendeu os perseguidos e espoliados.

Porque foi humano, soube entender a sociedade do seu tempo; porque viveu pobre e tranqüilo, morreu tranqüilo e nobremente; porque foi uma alma sensível, amou o belo, a natureza, a arte, a mocidade; porque foi digno, pregou o bem, a bondade.

Não devo calar-me, sem realçar, com referência especial o agradecimento que fêz, quando do seu ingresso no Instituto do Ceará, em seu nome e no de mais três recipiendários, oportunidade em que, ao encerrar suas palavras, manifestou, com acentos de regozijo e de irreprimível sinceridade, sua fé e seu entusiasmo nos destinos desta casa da Ciência e do Trabalho: "Vou terminar disse êle, não sem agradecer-vos, senhores do Instituto do Ceará, em meu nome e no dos meus nobres confrades, Drs. João Nogueira, Raimundo Girão e Plácido Castelo, a alevantada honra com que nos dignificastes, incorporando-nos ao vosso grêmio, por intermédio dêsse gentilíssimo Misael Gomes, sem contestação, uma das mais pujantes expressões da beletrística cearense, e de cuja nomeada, como estudioso da história, penetrante e bem orientado, oferece decidido testemunho em trabalhos da mais alta valia, que todo o Ceará culto tem na merecida conta. Eu vo-lo agradeço, em meu nome, ainda uma vez, porque, impondo-me o dever de devotar-me ao cultivo da História e ao desenvolvimento das ciências e das letras, ensejastes-me o entrar por uma das trilhas que conduzem à felicidade, poque "a felicidade é o devotamento a um dever ou a um ideal" — assim a compreende o cético analista da *Vida de Jesus*. E acrescenta: A existência é a coisa mais frívola do mundo se não se concebe como um grande e contínuo dever."

Meus senhores:

Dolor Barreira cumpriu cabalmente o seu dever para com o Instituto do Ceará.

Nesta hora de tristeza, o Instituto cumpre também o seu dever para com o inesquecível companheiro.

Mas, Senhores, que estou eu dizendo? Dolor Barreira está presente!

Meu mestre e meu amigo, Dolor: Você foi principalmente justo. E os justos não podem morrer, porque a justiça é imperecível, é uma vivência divina, reside nas mãos do supremo Criador.

Você foi sobretudo um bom. E os bons também não morrem: ninguém jamais viu o túmulo da bondade.

Os resíduos do plasma sanguíneo, a destruição da consistência orgânica, isto pertence ao mundo materializado, destructível, contingente.

Contra a redutibilidade da sensação materialista se ergue palpitante, sublime, transcendente, a concepção da alma imortal.

Quem sabe onde está o túmulo da fé?

Quem conhece a sepultura da alma humana?